

EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS: A EXPERIÊNCIA DOS CANDOMBLÉS

*Denise Botelho
Wanderson Flor do Nascimento*

RESUMO

O texto apresenta algumas linhas gerais de compreensão dos candomblés como importantes tópicos da cultura afro-brasileira. O contexto de apresentação destas idéias é a implementação das modificações na LDB, no que diz respeito à introdução da história e cultura africanas e afro-brasileiras nos currículos da educação básica, rumo a uma educação para a diversidade. Os candomblés oferecem uma maneira particular de interpretação do mundo, que enfatiza a ligação com a história da própria comunidade, a ancestralidade e a negociação dos espaços de intervenção com o próprio sagrado. Neste contexto, os marcados pela a valorização das diferenças podem contribuir para uma nova maneira de interpretar a educação, de modo a oferecer um espaço de desenvolvimento para educandas.

PALAVRAS-CHAVE: candomblés, educação, diversidade, relações raciais.

ABSTRACT

This text presents some ideas for the understanding of important topics of Candomblé as Afro-Brazilian culture. The context for the presentation of these ideas is the implementation of changes in the LDB with regard to the introduction of history and African culture and African-Brazilian in the curricula of basic education, towards education for diversity. The Candomblé offer a particular way of interpreting the world, which emphasizes the link with the history of the community, the ancestry and the negotiation of the spaces of intervention by sacred. In this context, it can contribute to a new way of interpreting the education to provide a space for development of students marked by the appreciation of the differences.

KEYWORDS: candomblés, education, diversity, racial relations.

As modificações no artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promovidas pelas Leis n. 10.639/2003 e n. 11.645/2008, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura africanas e afro-brasileiras, introduzem uma demanda ímpar de conhecimentos sobre a contribuição das culturas africanas para a constituição da identidade e da cultura brasileiras. Uma aproximação de vários tópicos das contribuições africanas para o Brasil tem ainda um longo caminho a ser percorrido. A história do continente africano começou a ser contada sem um ranço colonial e diminuidor das culturas africanas, há pouco tempo. É um trabalho que apenas se inicia e que apresenta muitas dificuldades.

No que diz respeito à religiosidade, que é um dos mais importantes tópicos da cultura, no caso das influências africanas no Brasil, a dificuldade é mais aguçada ainda, pois uma das principais marcas da grande maioria das culturas africanas que chegaram ao Brasil é a oralidade e a restrição da circulação de informações no interior da comunidade religiosa.

Esta característica, quando encontra a obrigatoriedade de falar sobre a cultura, acaba criando um espaço arriscado de criação de estereótipos que podem, muitas vezes, se voltar contra o objetivo das modificações citadas na LDB, que é o de valorizar e desmistificar as imagens da cultura africana.

Por isto, torna-se essencial a constituição de um espaço de circulação de informações que, ao mesmo tempo, ofereça informações não caricaturais sobre as religiosidades de influência africanas no país sem, no entanto, violar a dinâmica da oralidade e da restrição de informações que têm as religiões de matrizes africanas no Brasil.

O que este texto objetiva é oferecer alguns elementos para compreender as dinâmicas das religiões de matrizes africanas no Brasil, em especial os candomblés, sem ferir aquilo que a tradição legou a essas religiões no que diz respeito à restrição de informações. No contexto da extensão universitária, o trabalho busca a articulação de conceitos que possam dar subsídios para a interpretação de mundo e para a promoção de uma educação 'antirracista' que, com as alterações da LDB, possa ser manuseada por educadoras e educadores em seu trabalho. Educação que possa também fornecer elementos para um trabalho com a pluralidade de religiosidades e que combata a intolerância religiosa nos espaços escolares.

O olhar que permeia este texto é um olhar respeitoso das tradições, ouvindo os alertas das pessoas mais velhas das religiões quanto à necessidade de se cuidar das informações que temos e que passamos. É também importante marcar o lugar de fala de quem tece a narrativa do texto: são pessoas iniciadas em duas diferentes tradições do candomblé (Ketu e Angola), que ao mesmo tempo em que percorrem academicamente as construções teóricas sobre essas religiões, reconhecem, inclusive, as limitações e os alcances dos discursos acadêmicos sobre os candomblés. Desta forma, procurando contribuir para a circulação respeitosa de informações sobre as religiões de matrizes africanas e buscando oferecer subsídios para o trabalho com estas religiões diante da nova versão modificada da Lei n. 9.394/1996 (LDB), percorreremos alguns caminhos que permitam pensar os candomblés, sem esquecer de que estamos em um estado laico e que por isso defendemos que o conhecimento sobre religiosidade deva ser dado pela marca da divulgação desmistificadora de informações, e nunca ao modo de proselitismos.

Os processos educativos nos candomblés são concebidos por meio de uma educação integral. Não se divide o saber, não se separam as disciplinas, somam-se os valores éticos e filosóficos ao cotidiano. A educação é para

toda a vida, é o desenvolvimento do ser em todas as suas potencialidades (BOTELHO, 2005). Os candomblés oferecem, em especial, à população negra, subsídios para o desenvolvimento de identidade(s) positiva(s) e amores próprios fortalecidos.

Lembramos que os candomblés serviram e servem para a preservação da herança religiosa e cultural africana e que estiveram sempre atuantes na luta do povo negro, resistindo à opressão, à dominação e à exclusão, buscando um espaço de valorização da particularidade negra no patrimônio cultural brasileiro.

A religiosidade de matriz africana presente hoje, no Brasil, é uma 'resignificação' dos cultos praticados em terras do continente africano por diversos grupos étnicos, que passaram por algumas adaptações, consequência do processo econômico escravocrata.

Tratar aspectos da negritude amplifica a compreensão da diversidade étnica e cultural brasileira (uma vez que a nossa sociedade favorece uma atitude de não aceitação e de distanciamento dos valores ancestrais africanos) e possibilita o desenvolvimento de aspectos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998 e na LDB.

OS CANDOMBLÉS

De uma maneira geral, poderíamos dizer que os candomblés são religiões brasileiras que articulam conhecimentos de diferentes formas de religiosidade advindas do continente africano durante a Diáspora Negra. Vieram para o Brasil, principalmente três grandes grupos étnicos: Os bantos (vindos da região centro-sul do continente, sobretudo dos atuais Congo, Angola e Moçambique), os iorubás (vindos dos atuais Nigéria, Benin e Togo) e os Fon-ewés (conhecidos como Jêjes, vindos dos atuais Benin e Togo). Cada um desses grupos foi formado por diversos povos com culturas, divindades e costumes diferentes. Aqui no Brasil, esses povos se articulam entre si e fundam novos cultos onde as divindades que eram cultuadas separadamente no continente africano vão ser reunidas nas religiões aqui criadas com as heranças africanas. Nasceram, nesse processo, diversos cultos que em termos de classificação chamaremos de candomblés. Esses candomblés se

organizaram em torno dos três grupos, dando origens aos cultos iorubás (candomblés Ketu, Ijexa, Efon, Nagô etc.), fons (candomblés Jeje Mahin e Jeje Mina) e bantos (candomblés Angola/Congo).

A instituição candomblé: centenária e fortalecida, polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, a hierárquica, a ética, a moral, a tradição verbal e não-verbal, o lúdico, enfim, tudo que o espaço da defesa conseguiu manter e preservar da cultura do homem africano. (LODY, 1987:10)

Segundo a maior parte das interpretações, os candomblés são religiões monoteístas que adotam uma divindade: *Nzambi*, para os candomblés de origem banto (LOPES, 2004:693), *Oludumare*, para os candomblés de origem iorubá (VERGER, 1999:487) e *Mawu*, para os candomblés de origem fon (VERGER, 1999:490). Essas divindades são vistas em cada um desses grupos como o Supremo Criador do Universo. Para cada um deles, a divindade suprema é auxiliada no grande projeto de perpetuação da humanidade por diversas divinda-

des: no panteão banto, pelos inquices (minkisi, plural de nkisi); no panteão ioruba, pelos *orixás* e no panteão fon (Jeje), pelos voduns. Tais divindades são acionadas por rituais preparatórios e o momento de absoluta sacralidade se dá quando elas expressam suas histórias mitológicas ao som de atabaques e de outros instrumentos, bem como das cantigas que retratam as características e os feitos dessas divindades. Essas divindades são entendidas também como manifestações distintas dessa que é a divindade suprema.

Para praticantes dos candomblés o significado de viver e de ser humano está ligado às formas míticas e às expressões da unidade ser-no-mundo. Os mitos descrevem as irrupções do sagrado no mundo e contam uma história sagrada sobre como algo foi produzido e começou a ser. São narrativas de um acontecimento ocorrido no tempo primordial da criação, "como uma realidade passou a existir graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais. Seja uma realidade total ou o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha,

uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.” (ELIADE, 1972:11)

Ao descrever as origens do universo e das criaturas, as relações entre os seres humanos e as divindades e, ainda, como se dá o equilíbrio dinâmico entre eles, o mito de cada divindade dota o mundo de sentido e fornece um sistema de valores e de princípios para as suas seguidoras e os seus seguidores.

Uma das maneiras pelas quais o povo dos candomblés faz sua conexão com o Sagrado é por meio de oráculos, sendo o mais importante e conhecido, o jogo de búzios, que é um dos oráculos de Ifá (a divindade iorubá da predição), detentor de toda a sabedoria, sendo também a base teológica que contem os ensinamentos cosmológicos do povo ioruba. Os caminhos dos adeptos dos orixás são perpassados pelas consultas a esse oráculo que é

imprescindível para todo complexo religioso iorubá. O oráculo é consultado em todas as situações importantes, nos aspectos litúrgicos e sociais. A divinação é considerada vital ao homem para o cumprimento do seu desígnio. Por essas razões os iorubas recorrem à divinação em períodos regulares de suas vidas. Ele (o sistema divinatório) é presidido pelo orixá que assistiu o início do processo de criação, portanto, é capaz de revelar às divindades e aos homens os seus destinos (limites e possibilidades); seu sistema interno guarda uma lógica precisa e matemática; há um sofisticado sistema de versos exemplares, índices de conduta e procedimentos; há figuras de divinação, indicadores de mensagens.”(XAVIER, 2000:169-170)

A liturgia dos candomblés é complexa e extensa, tanto na relação espaço/tempo quanto nos atos votivos públicos e secretos. Muitos ritos se iniciam antes da festa pública onde os(as) iniciados(as) incorporados(as) por seus inquices, orixás ou voduns apresentam suas coreografias míticas, portando seus pertences sagrados e se identificando com seus domínios

naturais, pela cor de suas vestimentas.

O Ser Supremo – Deus – presenteou cada divindade com um atributo para auxiliá-lo na grande obra de perpetuação da humanidade, as forças da natureza são o reflexo da emanção dos inquices, orixás e voduns no planeta, as divindades são seus auxiliares para viabilizar o encontro do sagrado com a humanidade.

Para acontecer esse divino encontro existe uma sabedoria no manejo do Sagrado, o caminho das divindades é ordenado e existem vários papéis sacerdotais. As sacerdotisas são chamadas de mam’etus ria nkisi (candomblés bantos), ialorixás, sacerdotisas, babalorixás, sacerdotes (candomblés iorubás), donés, mejitô ou gayakus, sacerdotisas, dotes, sacerdotes (candomblés jejes). São também conhecidas como *mães de santo e, também, pais de santo*. As sacerdotisas (zeladoras) ou sacerdotes são a liderança máxima do candomblé, são as que detêm o maior conhecimento dos fundamentos da religião e a responsabilidade de transmitir esses conhecimentos e o *nguzo* ou *axé* à sua família de santo e àqueles que acessam a religião para questões pontuais.

Cada uma das divindades possui uma ritualística que inclui comida especial, interdições, roupas, insígnias, cores e cantos característicos, sem uma hierarquia fixa entre eles, uma vez que a sua “(...) natureza e as suas funções, influenciadas por suas posições relativas, variam igualmente de acordo com os lugares.” (VERGER, 1999:40)

O candomblé é a primeira forma do psicodrama de Moreno: o negro livra-se de seus conflitos, de seus complexos, de suas tendências escondidas, exteriorizando-os através das danças imitativas de seu deus, cujo caráter e tendências são análogos aos seus. (BASTIDE apud VERGER 1999:87)

As makotas ou equedis (nos candomblés bantos ou iorubás) e os kambondos ou ogãs (nos candomblés bantos ou iorubás), em quem as di-

vindades não se manifestam através de incorporações, auxiliam as sacerdotisas (zeladoras) na organização ritual de diferentes formas. Cuidam das oferendas, de vestir e paramentar as divindades, tocar os atabaques, preparar as comidas sagradas, realizar os atos votivos, enfim, são essenciais para a dinâmica da religião. Nas situações de transe dos adeptos que manifestam orixás, são essas pessoas que conduzem os rituais, sendo sempre de grande confiança da liderança religiosa. São nessas relações de alternância de poder que as relações se estabelecem e fortalecem as chamadas *famílias de santo*.

Quando o ndumbe ou abiã (frequentador não-iniciado) atende ao chamado ancestral, quer dizer, quando ele decide trilhar o caminho das divindades e aceita passar pelos ritos de reencontro com sua essência negra africana – ser iniciado no candomblé – terá como ritual inicial *kibane mutue* (em candomblés bantos) ou bori (em candomblés iorubás). Essa cerimônia inicial consiste em um rito de felicitações para o(a) novo(a) integrante da comunidade e tem como objetivo fortalecer o *mutuê* ou *ori* (cabeça) para a pessoa alcançar o seu equilíbrio, sua individuação e seu ‘centramento’, sua orientação. Para maior compreensão sobre o *mutue* ou *ori*¹ (cabeça) recorreremos a Bâbátundé Lawal (apud BASTIDE):

Na maioria das esculturas africanas tradicionais, a cabeça é a parte mais proeminente porque, na vida real, é a parte mais vital do corpo humano. Ela contém o cérebro – a morada da sabedoria e da razão; os olhos – a luz que ilumina os passos do homem pelos labirintos da vida; os ouvidos – com os quais o homem escuta e reage aos sons; e, a boca – com a qual ele come e mantém o corpo e alma juntos. As outras partes do corpo são abreviadas para enfatizar suas posições subordinadas. Tão importante é a cabeça em muitas sociedades africanas que ela é adorada como a sede da personalidade e destino do homem (2002:128).

A participação nos candomblés é precedida de um processo iniciático que “marca a ruptura da transição do profano para o sagrado (...), marca também o processo de sacralização do corpo. O corpo do iniciado é preparado para poder receber o axé [ou nguzo] que advém do sagrado, do orixá [ou inquice, ou vodun].” (XAVIER, 2000:151).

Anteriormente à exibição pública, iaôs ou muzenzas – iniciados(as) – passam por diversos ritos de purificação, de equilíbrio, de doação e de entrega para serem portadores(as) desta experiência singular e, a cada ressonar dos atabaques, as divindades se apresentam e celebram a comunhão com a comunidade presente. Os ritos do universo religioso afro-brasileiro fortalecem a aliança entre os membros dos candomblés e as divindades. As comidas, as roupas, as festas e o conjunto dos ritos são realizados em homenagem às divindades.

A vida dos adeptos e adeptas dos orixás/minkisi/voduns é marcada por predições, interdições, influências das divindades e das oferendas. Estar ciente da vontade divina, conhecer seu destino e estabelecer comunicação com as divindades é possível, através do oráculo do jogo de búzios.

Quando a predição revela que a vontade divina indica um caminho de aliança com as divindades, é estabelecido o momento da iniciação.

Iniciar-se no candomblé significa renascimento. O ritual de iniciação prefigura a morte para o mundo da fragmentação e do desconhecimento da própria origem. Representa o destino mítico e o renascimento para as divindades, para a força dos ancestrais míticos, para uma busca incessante de equilíbrio entre essas forças e o fortalecimento do destino pessoal.

(GAMA apud SANTOS, 1998)

Como afirma Verger “A iniciação consiste em criar no novio, em determinadas circunstâncias, uma segunda personalidade, um desdobramento mítico inconsciente, durante o qual ele manifestará o comportamento tradicional do ancestral.” (1999:82)

Durante a iniciação, a neófito ou o neófito (muzenza ou iaô), em linguagem ritual, adquire, conforme o cargo sacerdotal para o qual está sendo iniciada ou iniciado, um aprendizado que inclui desde códigos de relação com o ambiente e com os outros membros do terreiro, até atividades como dança, canto, narração, música, artesanato e cozinha, “ritos de iniciação e instalação, portanto, ensinam a lição da unicidade essencial entre indivíduo e grupo.” (CAMPBELL, 1997:369)

Os rituais contribuem para uma reorganização da humanidade dos seres, manipulando símbolos em um contexto carregado de estímulos intelectuais e sensoriais, que redireciona sua atenção para uma nova experiência. Ensinam, ainda, a necessidade de reordenação do comportamento segundo as exigências deste novo contexto, conduzindo o indivíduo a reorganizar seu mundo e sua prática, de acordo com os novos cenários construídos. (RABELO apud SANTOS, 1998)

Após a iniciação, a neófito ou o neófito adquire uma nova identidade através “dos processos sociais implicados na formação e conservação da identidade e que são determinados pela estrutura social” (BERGER & LUCKMANN, 1976, p. 228). Sem dúvida essa nova identidade está estruturada numa lógica afro-brasileira de costumes e hábitos africanos trazidos nos corações e na memória das africanas e dos africanos que chegaram ao Brasil ontem e hoje e, em especial, a partir da perspectiva de sua divindade.

Na tabela a seguir apresentamos como cada divindade tem um atri-

buto para auxiliar na caminhada da humanidade. As saudações apresentadas serão apenas as iorubás, uma vez que nos candomblés bantos se usa uma única saudação para os diversos inquices (*Kiuá!*) e que em Jeje se utiliza a mesma saudação para todos os voduns (*Arrobobo!*)².

Divindade			Atributo/Missão	Saudação
Bant o	Ioruba	Fon (Jeje)		
Pambu Njila	Exu	Legba	Tem o desígnio de levar até as outras divindades os pedidos das pessoas. É uma divindade fundamental para o desenvolvimento da religião, porque ele é o princípio dinâmico da comunicação entre as pessoas e as divindades. É a divindade do movimento, dos começos. Senhor da comunicação.	Laroyê!
Nkosi	Ogum	Gu	Abre os caminhos, como lhe foi determinado pelo o Senhor Supremo e no seu vigor heróica possibilita a preparação de um cenário favorável para que a humanidade desempenhe o seu papel de co-partícipe do desenvolvimento. Senhor dos caminhos, da tecnologia, dos avanços.	Ògúnyê!
Mutalambô	Oxossi	Atolu	Na sua elegância peculiar, o grande provedor é o responsável pela mesa farta e prosperidade. O grande caçador, provedor da comunidade.	Okê arô!
Catendê	Ossãe	Agué	Partilha dos segredos das ervas medicinais e litúrgicas com os humanos, desperta o poder contido nas plantas permitindo aos filhos de santo manejarem a sabedoria das plantas para fortalecerem seus corpos e espíritos. O senhor das Folhas.	Ewê ô!
Kavungo	Omolu	Sakpatá	Faz a transmutação e exerce influência sobre a saúde das pessoas, controla as pestes e as epidemias. Dono da terra.	Atotô!
Angorô	Oxumar	Bessem	Cría a grande aliança entre o céu e a terra, reafirmando o compromisso entre os seres humanos e as divindades. É a grande serpente que se figura no arco-íris e transporta a água do céu para a terra.	Arrobobô!
Zumba	Naná	Nana Buku	O princípio da vida, dona da lama onde a sabedoria é gestada. Indica a energia daqueles que acumulam muitas experiências pelos anos vividos. Senhora das chuvas que fecunda a terra. Mãe ancestral.	Saluba!
Nzazi	Xangô	Sogbô	Com a sua opulência justiceira, legisla em favor dos menos e dos mais afortunados. Divindade dos Trovões.	Kawó-Kabiyèsile!
Tembo	Iroko	Loko	Motor do movimento, transformação, ancestralidade e temporalidade. O sangue vivo da terra, que se movimenta irascível e incontornável. Não se doma o tempo. A idade que não se mede.	Iroko i só! Eerô!
Matamba	Oyá/Iansã	Oya	Divindade guerreira dos ventos, dos relâmpagos e das tempestades, também cumpre a função de encaminhar os espíritos mortos para onde for devido. A grande guerreira dos vendavais.	Epa heyi, Oya!
-	Oba	-	Lutadora destemida é símbolo de energia e muita força. Grande guerreira-caçadora.	Obá xirê!
Ndandalunda	Oxum	Azirí	Com sua graça e encantamento, distribui riquezas e prosperidade. Senhora da fertilidade	Ore yeye ô!
Terekompensu	Logum-Edé	Bagô	Partilha com a humanidade a alegria e a energia da jovialidade. É o caçador menino que até velho respeita. O jovem e sedutor caçador dos rios.	Loci Loci, Olowô!

Divindade			Atributo/Missão	Saudação
Bant o	Ioruba	Fon (Jeje)		
-	Ewá	Fequem	E a senhora da sensibilidade, da visão de muitos mundos, da estética. A divindade do céu cor-de-rosa. A senhora das possibilidades.	Ri ró!
Wunge	Ibeji	Toquen	Divindade da justiça, da procriação (gravidez), da infância, e que no caso ioruba, protege os gêmeos.	Bejê e ró!
Mikaiá	Iemanjá	Natê	Alimenta seus filhos com seus seios fartos reinando na vastidão das águas dos mares, é a grande mãe feiticeira .	Odô ya!
Lemba	Oxalá	Lisa	Orixá da paz e do equilíbrio. Impetuoso na sua forma jovem, sábio na sua manifestação anciã. Senhor da harmonia.	Êpa Babá!

É no microcosmo das comunidades de candomblé que várias divindades se reúnem para receber os agrados de suas filhas filhos e para trazer possibilidades de realizações e vitórias àqueles que, em seu cotidiano, nem sempre sabem o que é plenitude e alegria, mas vivem a angústia da inexorabilidade do tempo e da morte. No caso de afrodescendentes – que tiveram suas identidades subjugadas por processos racistas, na maior parte de suas vidas – são estimuladas(os) pelos candomblés, a abandonarem uma identidade massacrada e oprimida, para florescerem fortalecidas(os), respeitadas(os) e amadas(os) pela sua comunidade. Siqueira afirma:

O ponto de partida para uma transformação na vida pessoal e social da filha ou filho-de-santo, marcada, sobretudo, pelo tratamento diferenciado e cuidadoso que cada um recebe na comunidade à qual está vinculado, é o rito de iniciação. Para toda a comunidade, para a mãe ou pai de santo, para aquelas e aqueles que cuidam da pessoa iniciada, ela se torna ÚNICA (1998:36).

A iniciação inaugura um caminho de reencontros com as divindades e, de tempos em tempos, há a renovação dos votos por rituais de passagem.

Os rituais se referem a um momento crítico da vida social, sendo, geralmente, o marco que registra a capacidade de integração do indivíduo à sociedade, de um estágio para outro e, por mais que as adaptações físicas sejam necessárias, a grande aprendizagem é a da educação moral. Todos os participantes da comunidade são responsáveis pela educação da pessoa que passa pelo processo de iniciação. A educação tem caráter coletivo e social, é responsabilidade do grupo e, em especial, das pessoas mais velhas que são consideradas depositárias da cultura. A educação é uma impregnação permanente; o indivíduo é educado a todo o momento por todas e todos do grupo, servindo a vida cotidiana como pretexto para a se educar. A vida e o aprendizado são indissociáveis.

Como nas antigas aldeias africanas, toda a aprendizagem se dá pela oralidade; o conhecimento é passado pelos mais velhos aos mais novos. Até hoje os candomblés são baseados na cultura oral; a literatura oral (histórias, adivinhações, jogos, mitos, cantigas) é o centro da ação educativa. Os comportamentos positivos são reconhecidos e valorizados, mas quando há necessidade, as sanções são aplicadas em forma de tabus e interdições.

De forma geral, os candomblés possibilitam aos seus participantes e, em especial, aos afrodescendentes, leituras do mundo, relações humanas harmoniosas e convivência igualitária, onde todos podem viver com autoconfiança, dignidade e respeito. A educação religiosa dos candomblés retrata a educação tradicional africana para a vida. Da infância à velhice, todas as pessoas são tratadas igualmente e todas têm direito de ser educadas. Outro aspecto a destacar nas religiões de matriz africana é a compreensão dos poderes cósmicos da vida e a concepção (de um tempo que é distinto) do tempo linear e cíclico presente na cultura europeia ocidental. O conjunto de valores oriundos das religiões africanas tradicionais e afro-brasileiras revela que as divindades estão presentes no nosso cotidiano e que são vivificadas por seus partícipes. Afinal, as forças divinas estão sempre presentes – nunca se está só para vencer os reveses da vida.

PALAVRAS DE DESPEDIA

Ao apresentar esta breve cartografia da estrutura religiosa do candomblé, almejamos promover melhores condições de compreensão dessa cul-

tura renegada e desvalorizada, mas fortemente presente no imaginário das populações locais.

Como afirma Augras (1983), a compreensão de mundo dos adeptos do candomblé é diferenciada. E é através da compreensão das diferenças que o caminho das divindades aproxima e integra os diferentes. Com o auxílio da mítica das divindades africanas, o ser humano concilia suas contradições, toma gosto e acredita na vida.

Por intermédio da contextualização do universo dos candomblés indicamos a necessidade de nos desapegarmos de valores civilizatórios racistas, tão cristalizados em nós, para entrarmos em contato com um olhar diferenciado sobre a humanidade e a sociedade. Como as neófitas e os neófitos que, quando são recolhidas e recolhidos para a sua iniciação, passam pelos ciclos de morte e renascimento, precisamos renascer para novas idéias, valores e culturas.

A hegemonia teórica que privilegia apenas o conteúdo eurocêntrico nas escolas brasileiras tem alijado negras e negros, brancas e brancos do conhecimento histórico-social presente na cultura brasileira, pertencente a outros grupos étnico racial, dificultando uma consciência reflexiva e emancipacionista da nossa população. É preciso criar novos espaços e eleger outros atores sociais para um conhecimento educacional diferenciado. (BOTELHO, 2000)

Como nos cargos e funções determinados na hierarquia dos candomblés, todas e todos, cada uma e cada um de nós tem o seu papel social a desempenhar; sem, com isso, criar processos de submissão e subordinação pelo lugar social que ocupamos na sociedade.

Realizada a iniciação para uma nova possibilidade educacional, as casas de candomblé revelam um ambiente favorável para processos educativos polissêmicos (quer dizer, múltiplos de possibilidades). A diversidade de

possibilidades de aprendizagens se dá pela oralidade, quando as mais velhas e os mais velhos compartilham suas sabedorias com as mais novas e os mais novos. Na prática, ela se dá pelo manuseio da natureza; pela musicalidade, nas vozes altivas dos que entoam as cantigas às divindades vindas do continente africano; pela expressão corporal, pela epifania dos mitos sagrados e, principalmente, pela noção de comunidade, onde todas e todos são importantes para a perpetuação da tradição e são acolhidos nas suas particularidades e especificidades.

As peculiaridades dos seguidores e seguidoras de inquices, orixás e voduns, indicam um pensamento comum que tem como alicerces valores civilizatórios construídos numa lógica afro-brasileira, de comunidade, solidariedade e interdependência. É possível afirmar que estas divindades, como organizadores grupais, viabilizam a harmonização dos contrários, conduzindo a um processo de equilíbrio entre as(os) diferentes, que facilita e viabiliza uma educação voltada para a diversidade.

Pensar a diversidade étnico racial na área educacional é possibilitar inclusão, respeito, conteúdo e solidariedade às crianças e aos jovens que carregam o estigma da diferença, seja pela de cor de sua pele, sua religiosidade, sua orientação sexual, seu grupo étnico ou apenas por serem diferentes daquilo que é considerado o ideal ou padrão (NASCIMENTO, 2004:36). É, principalmente, buscar caminhos de emancipação para os excluídos.

Percorrida a jornada ao som dos atabaques, ao sabor das comidas de voduns, inquices e orixás, pelas cores dos fios de contas, pelas coreografias míticas, pelo exercício pleno da religiosidade afro-brasileira, pensamos que a tarefa ainda não esteja finda.

Não há finalizações absolutas. As idéias aqui socializadas serão lidas,

analisadas e interpretadas de diferentes formas, por variados saberes e por diversos sentimentos, afinal, isto é a diversidade.

Como o processo não termina, desejo apenas afirmar que o fim é o começo... e o "continuum" da vida nunca se esgota.

O conjunto das experiências dos candomblés não poderia ser descrito em um pequeno (e nem em um grande) apartado de páginas, mas esperamos que esta descrição ajude a quem queira fazer uma aproximação a uma literatura não estereotipada ou não especializada demais, contribuindo, assim, para a circulação de saberes sobre este tão rico tópicos da cultura brasileira que é a religiosidade de matrizes africanas e, em especial, dos candomblés.

Conhecer princípios educativos presentes no candomblé, além de promover o respeito por uma prática social e religiosa herdada dos negros africanos, pode facilitar a educadoras e educadores uma ação pedagógica integral; para isto, vale recordar que na organização das comunidades de candomblé: a) não se divide o saber dos valores éticos filosóficos, eles são somados ao cotidiano; e, b) a educação é para desenvolvimento do ser em todas as suas potencialidades.

NOTAS

¹ Além da cabeça, para os candomblés de tradição angolana e congolesa, o coração (muxima) ocupa um lugar fundamental, por ser para os bantos o lugar da morada da individualidade e daquilo que chamaríamos de alma. Os caminhos da vida de alguém são propiciados (embora não determinados) pela junção da cabeça e do coração (do mutuê e do muxima), pelo que orienta e pelo que sustenta.

² Há uma polêmica sobre a possibilidade de identificar inquices, orixás e voduns. Há tradições de candomblé que pensam que orixás, voduns e inquices sejam divindades locais e que por isso, não podem ser identificados. Entretanto, partimos aqui do suposto de que em função dos atributos possamos pensar em proximidades, sem forçar qualquer tipo de identificação.

Há também a dificuldade em se estabelecer equivalências completas em função da enorme diferença de quantidade de divindades em cada panteão. O panteão iorubá no Brasil apresenta entre os três (tendo cerca de vinte divindades), o menor número de divindades, enquanto que entre os outros dois panteões, há várias dezenas de divindades. Listamos aqui as principais divindades cultuadas em festas públicas. A listagem e características dos voduns foram baseadas em Bastide (2001) e Parés (2007).

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em Comunidades Nagô*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BERGER, Peter; LUCKMANN Thomas *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Floriano S. Fernandes (Trad.). Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

BOTELHO, Denise. Maria. *Educação e orixás: processos educativos no Ilê Axé Iya Mi Agba*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

BOTELHO, Denise. Maria. *Aya nini (Coragem)*. Educadores e Educadoras no enfrentamento de práticas racistas em espaços escolares. São Paulo e Havana São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação*

CAMPBELL, Joseph (1997). *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LODY, Raul. *Candomblé*. Religião e resistência cultural. São Paulo: Ática, 1987.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Esboço de crítica à escola disciplinar*. São Paulo: Loyola, 2004.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do Candomblé*. História e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Edunicap, 2007.

VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África*. São Paulo: EDUSP, 1999.

SANTOS, Juana Elben dos. *Os Nâgôs e a morte: Pàdê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes (1998). *Agô Agô Lonan*. Belo Horizonte: Mazza, 1998.

XAVIER, Juez Tadeu de Paula. *Exu, Ikin e Egan: Equivalências Universais no Bosque das Identidades Afrodescendente Nagô e Lucumi*. Estudo comparativo da religião iorubá no Brasil e em Cuba. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 2000.

Denise Botelho é doutora em educação pela USP e professora adjunta da Faculdade de Educação da UnB (PAD-FE), dbotelho@unb.br

Wanderson Flor do Nascimento é mestre em filosofia e doutorando em bioética pela UnB e professor colaborador do Projeto Filosofia na Escola (DEX-FE/UnB) e do Projeto Afroatitude (DEX/UnB), wandersonn@gmail.com